

# Ocupações e infância: crianças, luta por moradia e culturas infantis na cidade de São Paulo

Occupations and childhood: children, struggle for housing and children's cultures in the city of São Paulo

*Marcia Aparecida Gobbi\**

## RESUMO

Esse artigo, a partir de algumas observações concernentes aos usos dados ao Vale do Anhangabaú, por crianças moradoras de edifícios ocupados por diferentes movimentos sociais, se propõe a apresentar reflexões sobre infância, cidade e processos de construções de cultura pelas crianças. Um jogo de bola ignorado pela mulher passante, se comporta como ponto de partida para conhecimento dos espaços não pertencentes à infância, porém, em certa maneira reivindicados por ela.

**Palavras-chave:** Infância. Ocupações. Brincadeira. Cidade.

## ABSTRACT

This article, based on some observations concerning to the uses given to the Valley of Anhangabaú by children living in buildings occupied by different social movements, proposes to present reflections on childhood, the city and processes of cultural constructions by children. A ball game ignored by the passing woman serves as a starting point for knowledge of spaces not belonging to childhood, but in a certain way claimed by it.

**Keywords:** Childhood. Occupations. Play. City.

## 1. "Ei dona, pega a bola. Pega a bola.... Ei dona... PQP!! Corre lá."

**U**ma bola, um tanto murcha, entrecruza as pernas apressadas da mulher que passa. Sua pressa evidencia certo desejo de sair logo dali dirigindo-se a seu destino que não se sabe qual era, a julgar pelo passo aligeirado, parecia ser importante. Lojas fechando suas portas. Várias e diferentes pessoas, individual ou coletivamente, começam a tomar conta dos espaços. Para alguns é preciso sair rápido, para outros é agora a hora de aparecer e fincar suas marcas nas ruas e praças impondo outro tempo e mudando a paisagem local. Quase outra cidade que se configura. Situação despropositada essa em que, entre aqueles que surgem, estão crianças pequenas, e nem tanto assim, a compor uma espécie de jogo de futebol, acompanhadas por outras crianças, sem a convencional presença familiar. O local? Vale do Anhangabaú, tarde de sábado na capital paulistana, abril de 2016. Brasil.

---

\* Professora Doutora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da FE-USP, cientista social de formação, pesquisa desenhos e fotografias e, mais recentemente, as relações entre infância e cidade segundo as crianças. E-mail: [mgobbi@usp.br](mailto:mgobbi@usp.br)

## 2.

Descrevi brevemente essa cena vista por mim nesse ano de 2016. Ela se apresenta como fio que conduzirá a escrita desse artigo. Vê-la levou-me a refletir sobre as cenas paulistanas as quais, tantas vezes, nos passam despercebidas. Nesse artigo, contudo, a pretensão é justamente abordar, dentro de meus limites, a infância e aspectos das culturas infantis. Opto por fazê-lo refletindo sobre a temática em confluência com a cidade como rico e tão complexo campo de investigações. O local escolhido é São Paulo, a partir de um grupo que surge recentemente ocupando seus espaços: os moradores e as moradoras de ocupações em edifícios do centro dessa cidade, nesse artigo preocupando-se especialmente com as crianças, ainda pouco investigadas no tocante a temática moradia ou ocupações na cidade. Não me limito ao interior dos prédios ocupados e as relações tecidas por todos em seus interiores – o que é sem dúvida temática fundamental nos dias atuais e ficará para outros momentos em descrição de pesquisa - mas, detenho-me a algo que surpreende aos mais atentos, ou seja, as crianças que saem dessas ocupações e transformam alguns espaços da cidade aos quais denominarei provisoriamente de quintais urbanos onde se pode brincar e travar diferentes formas de sociabilidade. Corpos que se constroem, vidas que se formam, grupos constituídos, paisagens que são alteradas emprestando diferentes tons e tempos ao cotidiano. Considera-se que as reflexões contidas aqui, representam um pequeno recorte de pesquisa, cujo objeto, voltou-se para as representações das crianças paulistanas na cidade, tendo no uso do desenho e da fotografia o recurso central, o que não será alvo de nossas reflexões nesse momento<sup>1</sup>.

Transitório, efêmero, passageiro o jogo de bola, surgia tão rapidamente quanto era desfeito e, nesse dia, ainda mais breve, devido ao aparecimento de um policial que vinha “manter a ordem” cidadina, ou mesmo, a necessidade de voltar para a ocupação, afinal, o espaço público de grandes cidades e, em regiões centrais, nem sempre devem ser ocupados por crianças. Vale considerar que elas se apresentavam no movimento das disputas e brincadeiras evidenciando e compondo relações entre as crianças e acontecia à revelia da presença ou desejos dos adultos que com elas estivessem. Permitem-nos problematizar uma questão já nem tão original, mas, infelizmente, ainda muito urgente e necessária: a infância nas grandes cidades e a luta por moradia. Essa, soma-se aos usos dos espaços públicos numa peleja diária por se fazer ver e estar no mundo, por usufruir, como crianças, do tão propalado direito a brincadeira em distintos lugares da cidade e não apenas nos diferentes

---

<sup>1</sup> Aspectos referentes à projeto MCTI /CNPq /MEC/CAPES Nº 18/2012 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. Olhar sobre a cidade: fotografia e desenho na construção de imagens sobre São Paulo a partir de crianças das escolas municipais de educação infantil.

confinamentos aos quais, muitas vezes, são submetidas, na contenda pelo território predominantemente adulto e, nesse local, masculino. Não é à toa que a mulher vai tão apressada sem olhar para os lados, o espaço público também é vetado a elas, em determinados locais e horários. Para nós, nesse momento, o que interessa é a observação do Vale do Anhangabaú como uma espécie de quintal provisório onde é possível brincar e se relacionar com a cidade. Muito a pensar sobre isso e esse lugar que já foi palco de shows musicais, manifestações políticas e décadas atrás do movimento pelas eleições diretas após o período ditatorial, mais conhecido como Movimento pelas Diretas Já.

A brincadeira no tempo de criança versus a mulher adulta apressada que passa, exigem de nós amplas considerações sobre o assunto e esse relacionado ao momento político, social e econômico em que estamos. O que as crianças fazem nesses espaços? Qual sua relação com a cidade que se compõe em pedaços distintos a atender grupos e relações variadas? O que o jogo de bola permite observar quanto a transformação do Vale em espaço do brincar e espaço de exclusão? O que essa brincadeira nos sinaliza para a consideração da cidade como invariavelmente excludente e as crianças como portadoras, quase silenciosas, de sinais de que deve haver outras formas de uso social da cidade?

Mas, o que dizer inicialmente sobre o jogo de bola e a mulher que passava? Códigos, gestos, sinais eram criados e usados entre as crianças, sem esquecer da mulher, a “dona” que o deixava de lado – será que o via? – composto exclusivamente por meninos, o que é um elemento importante a considerar quando se pensa a infância e relações de gênero que se encontram presentes em distintos locais e grupos. Num primeiro momento podemos inferir que o jogo revelava uma disputa entre as crianças e a cidade. Uma espécie de reivindicação velada por uma Ágora para onde a meninada pudesse partir recompondo sua função de praça e espaço público que, com seu caráter democrático, poderia promover a reunião de todos como brincantes e jogadores de futebol – ou tantas outras brincadeiras e formas de convívio social – ou mesmo, para tomar decisões democraticamente, como agentes que são.

Como mencionado, esse artigo resulta da observação necessária ao longo de pesquisa envolvendo crianças em distintas regiões de São Paulo para propor o diálogo sobre condições de vida e construção de culturas entre meninas e meninos, com até 12 anos, moradoras e moradores de ocupações. A observação levou-me a considerar espaços de passagem existentes na cidade focando particularmente os usos dados e impostos por eles às crianças. Contudo, o espaço citado, e mote para a escrita desse artigo, não pode ser definido exatamente como rua, local privilegiadamente de passagem, de transeuntes, de automóveis, como na acepção mais corriqueira. Trata-se aqui do Vale do Anhangabaú, como o nome diz, vale situado sob o Viaduto do Chá, que se configura como praça tendo como um de seus propósitos o favorecimento da circulação de pedestres, o que nem sempre ocorre, como sabemos, pelos mais distintos motivos. Há, porém, algo importante a observar: esse espaço tornou-se

misto de passagem, inclusive rápida e causada também pelo medo da violência urbana em regiões centrais, pela procura de pontos de ônibus que permitem a mobilidade e ligação entre moradores de diferentes regiões da cidade, somado à permanência, por tempo indefinido, de crianças que passaram a brincar nesse local desprovidas que estão de locais mais específicos à brincadeira. Ou seja, é local de passagem rápida e, ao mesmo tempo, estada por parte de crianças e outras pessoas que travam relações variadas com o espaço, incluindo, venda e compra de drogas, alimentos, músicos que tocam seus instrumentos e outros que sentam-se no invariavelmente sujo gramado.

### 3.

atrocaducapacaustiduplielastifeliferofugahistoriloqualubri  
mendimultipliorganiperiodiplastipubliaraparecipro  
rustisagasimplitenaveloveravivaunivora

cidade  
city  
cité

Augusto de Campos

A cidade é a chave para compreensão e produção de deslocamentos no poema *Cidade, city, cité* do poeta Augusto de Campos. Atrocidade, duplicidade, multiplicidade, velocidade, vera e vivacidade e tantos outros inúmeros elementos vivem de modo simultâneo em nossa cidade e em outras as quais esse poema concreto se comporta como uma de suas mais perfeitas traduções. Cidade, em suas múltiplas faces, plena de contrastes, exclusão e dinamismo apresenta-se diante de nossos olhos. São Paulo, local em que as crianças sobre as quais refletimos nesse artigo, brincaram e brincam, e, de certo modo, a recriam ao insistir em brinca-la, é vista por muitos olhares em suas imagens, ouvida com seus tantos sons e paisagens sonoras que a desnuda e encobre. Polissêmica que é, constituiu-se como objeto de extensos e fecundos estudos em seus espaços e ritmos em constantes mudanças. Moradia, saúde, educação, condições de trabalho compuseram pesquisas e em muito reverberaram entre estudiosos de diferentes áreas, bem como, entre formuladores de políticas públicas preocupados com distintos segmentos que a compõem. Desvela e oculta uma multiplicidade de forças sociais que surgem e se mostram em vários grupos, às vezes, simultaneamente e com diferentes nuances de luta e reivindicações: o Estado pleiteado às condições de vida, política e econômica, coadunando conservadores e nem tanto, num mesmo espaço que, público é também palco de lutas e conquistas.

Ao longo das últimas décadas vemos aumentar a produção acadêmica sobre a cidade. Encontramos, com Erminia Maricato (1982; 2015) e Tereza Caldeira (2000)

grandes expoentes quando a preocupação é a segregação, a crise e a violência urbana. Lúcio Kowarick e seus estudos sobre a espoliação urbana desde a década de 1970, em estudos seminais, concebe a cidade como espaço democrático de debates e a aponta também como espaço de direito de todos os que nela habitam, sendo vista como direito de todos, indicando ainda a existência de carências que demonstravam a presença histórica de extorsões no trabalho, moradia, transporte constituindo grupos segregados. Descartados do direito à cidade como na acepção de Henri Lefebvre, momento em que se deve indagar sobre a possibilidade de apropriar-se dela de modo não hierarquizado ou desigual e por todos indiscriminadamente, ela é lugar a ser vivido e onde criar e ter experiências ou ainda como em Gilberto Velho (1973) observando as relações travadas no meio urbano como prática fecunda concernente a pesquisa e conhecimento dos modos de viver o urbano. Dunker (2015), bastante mais recentemente, aproximando-se dos estudos de Caldeira (2002), apresenta o mal-estar causado pela vida em clausura em grandes condomínios, expande-se para outros espaços e relações criando vidas condominializadas, em que a convivência constante com os iguais tem gerado sofrimentos e a incapacidade de lidar com a diferença. Curioso modo de estabelecer relações entre os pares e reproduzir-se a si mesmo. Pobreza, desigualdade, segregação, luxo encontram-se como temáticas em diferentes percursos de pesquisas e trabalhos intelectuais sobre a metrópole. Manuel Castells (1983) já evidenciava as alterações e relações entre o crescimento urbano industrial no Brasil e América Latina em que a chamada “questão urbana” tomava corpo. Mudanças sociais são evidenciadas proporcionando que conheçamos, sob diversos aspectos, o que a cidade nos apresenta e representa para todos os que a constroem e como a mesma vem sendo tecida fio a fio ao longo de sua história e de seus moradores.

Há poucas décadas uma configuração espacial e de relações sociais com o urbano vem chamando a atenção em diferentes mídias e por aqueles que passam e vivem a cidade de São Paulo, especialmente. Trata-se das ocupações de edifícios no centro da cidade de São Paulo e, em especial, de hotéis e antigos cinemas, outrora luxuosos e que hoje expressam decadência de modelos econômicos, de cidade e de convivência e apropriação dos espaços públicos diferentemente do que foram décadas atrás. Vários destes hotéis, tais como o Lord Palace, situado no bairro de Santa Cecília e o Cambridge na Avenida Nove de Julho, edifício Mauá, antigo Hotel Santos Dumont e o Edifício Prestes Maia, antiga fábrica de jeans que também nos serve como exemplo de uma cidade em que a urbanização se dava de braços dados com a industrialização e edificações que buscavam firmar nesses espaços alguns de seus moradores e suas identidades culturais, sociais e econômicas. O antigo Cine América em região do centro velho da cidade, evidencia suas transformações que vão de cinema bastante frequentado, a cinema que exibia somente filmes pornográficos e hoje ocupado por 160 famílias. Representaram certo apogeu econômico e cultural de uma região central historicamente constituída em detrimento da periferia e seus moradores pertencentes a classes sociais menos abastadas economicamente, condição que se observa hoje como alterada. Arquitetura imponente, personagens

chamados ilustres entre seus frequentadores marcaram uma história excludente de cidade. Hoje encontram-se ocupados por moradores oriundos das mais distantes e diferentes regiões paulistanas. O grande crescimento das metrópoles que têm efeitos sobre a segregação social e política tem implicado o registro e formas coletivas de organização pela conquista da moradia e outros bens. Segundo dados apontados por Rolnik (2015) temos um déficit de 230 mil moradias em São Paulo, o que, não preciso dizer, está longe de ser suprido. As ocupações evidenciam a ausência de políticas públicas voltadas para o direito à moradia e, em si, contribuem em colocar a temática em debate mais ampliado, saindo do anonimato. Ocupa-se edifícios ou terrenos sem função social de propriedade, são aqueles ociosos, e que, como se sabe, aguardam aumento de valor para posteriores negociações, mais lucrativas para seus proprietários; a especulação imobiliária impera e impede outras formas de relação com a cidade e o direito à habitação.

Há muito nessa configuração habitacional, nesses movimentos sociais de luta por moradia e de relações entre os moradores de que não sabemos, porém, há um grupo que merece especial atenção e sobre o qual conhecemos ainda menos: as crianças. Essas, por vezes, têm uma atuação importante no auxílio ao processo de ocupação, colaborando com a organização dos espaços internos e limpeza dos imóveis. Contudo, ainda sabemos pouco ou nada sobre a infância nesses locais, sobretudo a partir do ponto de vista das crianças. A infância nas ocupações ainda nos é pouco conhecida por encontrar-se em espaços por vezes não reconhecidos e/ou avaliados como impróprios para as crianças e suas famílias, além da intenção em mantê-las fora do alcance do conhecimento sobre esses grupos e movimentos sociais. Infere-se aqui que o trato negativo dado aos moradores e moradoras dessas ocupações conduzem a tratamentos cheios de ambiguidades e compreensões equivocadas, carentes de rigor e acuidade. Inúmeras são as crianças que passam longo período de vida por lá, até mesmo anos compondo formas de ver e ser menina e menino dentro de uma ocupação e circulando em regiões centrais de São Paulo em convivência com o entorno criando e modificando a dinâmica das relações sociais na cidade, e outras, cuja necessidade de procurar outras moradas, ficam saltando de um local para outro em prejuízo de seu processo de formação escolar, entre outros. Morando em espaços públicos, atualmente ocupam edifícios recriando em seu interior divisões similares a pequenas casas a configurar um condomínio em que cômodos se misturam em minúsculas metragens de modo a que todos possam estar e conviver lá. A presença das ocupações e, em destaque, das crianças filhas dos moradores, apresenta-se como rica oportunidade de observarmos o fenômeno “ocupação” sob seus pontos de vista para que compreendamos a tessitura da cidade como território de disputas em que a histórica matriz de desigualdade urbana e brasileira também se revela nas relações entre todos, ainda que estejam quase invisíveis, como as crianças desde bem pequenas.

Há, contudo, importante questão a ser considerada: a presença desses meninos e meninas modifica o tempo e as relações existentes em espaços externos às

ocupações em edifícios. Não se trata propriamente da criação de quintais, mas, de áreas abertas recebedoras das crianças em distintos períodos. A brincadeira passa a ser recurso de conquista dos seus espaços e que os modificam, há de considerar que as relações sociais, os recriam e são recriadas concomitantemente. Ao destacar a brincadeira de bola – e outras que podem ser esporadicamente presenciadas nesse local – infiro que a mesma provoca e resulta das ocupações que imprimem outros modos de ver e usar o espaço, com isso, de experienciá-lo, percebê-lo, vivenciá-lo e concebê-lo, usando aqui a acepção de Henri Lefebvre. Explícita, não só as contradições de classe, evidencia relações de poder geracional, de raça, gênero e de tempo, entre aqueles que estão por lá como trabalhadores, consumidores dos diversos produtos vendidos em lojas e outros que moram nas ruas e esperam pela sopa distribuída em noites frias por grupos de caráter assistencialista, ou vivem em edifícios ocupados pelas diferentes frentes de luta por moradia. A presença das crianças em suas diferentes manifestações, entre outras coisas, reforça a singularidade e resistência da, e na desigual apropriação do espaço, ou, se oferece como elemento a impelir olhares sobre as mesmas – infância, cidade, luta por moradia – e suas atuais condições de existência.

As cidades raramente são consideradas quando na perspectiva de meninos e meninas, e ainda menos, quando estes têm pouca idade. Muller (2007) ao pesquisar a cidade de Porto Alegre procurou apresentar quais aspectos são mais relevantes segundo a percepção das crianças em ambientes não escolares a partir de vários encontros com as crianças em diferentes lugares da cidade. Francesco Tonucci, mentalidade fecunda e inventiva, provoca-nos a pensar sobre a cidade como lugar de experiência educativa, passível de estudos empreendidos por meninos e meninas, que discutiram entre grupos sobre as variadas experiências no ambiente urbano. Simpático as vivências infantis, ao discutir sobre o mundo moderno, provoca-nos a pensar sobre o espaço tradicionalmente identificado como perigoso – o bosque, tal como aparece em contos de fadas – sendo confrontado pela cidade que apresenta em suas ruas os lugares de perigo, agressivo aos olhos e ao estar junto. A rua seria uma espécie de substituta do bosque como antigo lugar de perigo que hoje se transformou em espaço idealizado de harmonia, ao passo que a rua, passou a apresentar-se como promotora de inúmeros perigos, sobretudo às crianças e idosos. Essas questões foram mais recentemente abordadas em dossiê organizado por Muller (2014) em que Stuart Aitken chamará a atenção para movimentos sociais na Eslovênia e Chile em que crianças figuram como agentes nos processos de mudança e discussões ensejadas pelo direito à cidade e as transformações implicadas nisso, tendo caráter político.

Há uma observável “permanência passageira” de crianças que também viabiliza ações promotoras de construção de culturas entre elas nesses locais o que traz contribuição para se pensar sobre as representações desse espaço e formas de convívio entre os diferentes modos de pensa-lo, percebe-lo, imagina-lo. Para começar, as ocupações, de onde partem a criançada e que podem, por que não,

apresentarem-se como influentes nos processos e discussões pelas mudanças relativas ao direito à cidade e transformações políticas, cada vez mais necessárias.

#### 4.

Ocupações: mais que uma nova palavra no vocabulário, uma forma de luta. Como o vocábulo ocupação foi mencionado no título desse artigo julgo necessário chamar a atenção para seu uso atualmente. Temo que o mesmo, assim como tantos outros, possa tornar-se banalizado. As palavras têm sua história e seu uso lhe confere significados, por vezes, diferentes de sua origem, de acordo com aqueles que a proferem, onde e por quais motivos. Sabendo-se que é componente da cultura, ao expressá-las, na dinâmica das relações entre os grupos, as mesmas sofrem alterações e geram compreensões diversas, parecem até autônomas. Contudo, elas também são armas e podem expressar aspectos de luta política. Assim, parece-me, a palavra ocupação tem demonstrado e denominado recentemente formas de lutas, advindas dos movimentos internacionais de protesto denominados Occupy. Esses reuniram e reúnem diversas vozes e pontos de vista que se coadunam no desejo da realização de projetos de sociedade e se posicionam criticamente contra o capitalismo e movimentos conservadores de direita que tem mobilizado e acentuado a desigualdade social e econômica, compondo um triste período da história. Essas breves considerações procuram apenas situar um movimento que pretende estar nas ruas ocupando-as com proposições emancipatórias que abarcam as diferenças, tornando visíveis suas reivindicações. Vale ressaltar que as ocupações dão as mãos àqueles outros grupos presentes nas ruas e estendem-se para o interior de escolas ou imóveis vazios à espera da exploração advinda da especulação imobiliária em centros urbanos, tais como São Paulo. Ocupar e/é resistir, e não apenas atrás da realidade virtual de redes sociais. Os corpos nas ruas têm força inestimável, como afirmou Harvey (2012).

Não se trata de postular sobre o uso de certos termos. As considerações visam apenas situar o leitor diante de uma preocupação quanto ao uso corrente de expressões que, trivializadas correm o risco de destituir o sentido das mesmas. Há que cuidar não somente das palavras e seus usos, como também conhecer as práticas sociais e políticas que elas expressam, contêm e podem ensejar.

Mas, para que tais ponderações? Não se tratando de meras elucubrações, objetivam aqui chamar a atenção, não somente para o forte teor político das ocupações, como também, convocar a todos a atentarem para um grupo entre seus participantes, em particular, na intersecção rua e imóveis ocupados em distintas regiões paulistanas: as crianças. Agentes que são, e também na luta anticapitalista dentro das possibilidades de enfrentamento presentes na infância, exercem parte

importante, porém, ainda pouco observada em suas particularidades e singularidades. As ocupações, têm caráter notadamente adulto e, em alguns casos masculino, sobretudo, entre as lideranças. E as crianças? Certamente, estão colaborando a seu modo, e dentro de seus limites, com o processo de luta e conquista, nem melhor ou pior que os adultos e as adultas, apenas diferente. Trazem suas características e necessidades e as imprimem no movimento social, o que não pode ficar ao largo do movimento e daqueles que se interessam pelas temáticas relativas à infância.

## 5.

No vale havia uns meninos. O Vale do Anhangabaú expressa, em sua medida e características próprias, aspectos da história do espaço urbano da cidade de São Paulo e, conseqüentemente, do Brasil. O processo de urbanização paulistana que criou a revelia da população e da natureza um projeto de cidade, como já tantas vezes afirmado, para carros e não pessoas e, a partir do qual, vagarosamente, foi sendo criado uma mentalidade de que a cidade não pode parar e de que, numa compreensão que ainda segue o bandeirantismo, somos o esteio e a locomotiva econômica de todo o país. Ao longo da história criou-se um cinturão de pobreza ao redor de bairros centrais, o qual hoje, encontra-se misturado, em todas as regiões, seguindo o bordão “miséria, miséria em qualquer parte” do grupo Titãs<sup>2</sup> que explicita sua intensificação diária, sobretudo, com a crise econômica e política desse último ano. Na corrida pelos empreendimentos imobiliários, temos disputas de todas as ordens e que vão gestando diferentes outros com os quais vamos lidando ou expurgando de nossa convivência sob as mais diferentes justificativas configurando intensa e presente luta de classes, gênero, religiosa. A verdade é que o alto valor do metro quadrado nalgumas regiões, leva a certames entre diferentes grupos e exclui outros desse mesmo processo, como já referido, são muitos os edifícios que permanecem vazios à espera do aumento da valorização do terreno e promovendo a especulação imobiliária ao furtar o direito à moradia e intensificar o número de despossuídos e moradores de rua.

Esse importante aspecto relaciona-se à produção concomitante de diferenças que são, muitas vezes, transformadas em desigualdades nesses espaços. Apresentam diferentes outros que passam a ocupar lugares diversos na cidade. Entre esses, incrementando a luta pela moradia no espaço urbano da cidade, encontra-se as crianças: vulneráveis, em certos aspectos dependentes dos adultos, vão para a luta pelas mãos de adultos, em especial, as mulheres. Em pesquisas que apresentam preocupações com a criação e relações estabelecidas entre outros no espaço urbano, Vêras, (2001), afirma que se constituem como o “não nós” e os define como migrantes, imigrantes, mais pobres que passam a ocupar periferias, favelas e, mais

---

<sup>2</sup> Refiro-me à música *Miséria*. Autoria de Titãs, álbum *O Blesq Blom*, 1989.

atualmente, edifícios vazios nas regiões centrais ou terrenos em bairros periféricos. Entretanto, as crianças como outros, ao tornarem-se presentes nos espaços públicos comportam-se também como diferentes, um não nós adulto e sua lógica de transeunte, a provocar diferentes comportamentos e manifestações entre os passantes pelas ruas e praças. Não se trata aqui de pensar de modo acrítico acerca da infância, em especial, das crianças bem pequenas, ou meramente, afirmar que somente sua presença em determinados espaços têm a capacidade de modifica-los magicamente e para melhor.

Como já tratado em outros estudos, tais como Gregori (2000), compreende-se a desigualdade vivida entre e pelas crianças moradoras de rua que assinalam ainda mais intensamente a enorme e crescente desigualdade dos grandes centros urbanos, e, nesse caso, paulistano.

As brincadeiras até então inexistentes nas ruas destinadas à circulação rápida e de passagens fugazes, começam a ser vistas. Reivindicam, de formas inesperadas, o jogo de bola onde antes não havia, reclamam pela escola, por diversas formas de contato com os outros e seus próprios grupos de crianças. Pode-se levantar como hipótese que novas regras de interação social passam a ser criadas e impregnam a presença física mais regular das ruas em determinados horários nos chamados dias úteis, em que pedestres, envolvidos em seu cotidiano, parecem não perceber com mais vagar seu entorno e as relações sociais resultam de mera administração de suas presenças diante de outros sem maior atenção para aqueles e aquelas propriamente ditos. Interação social aqui compreendida como na acepção de Irving Goffman (1963), em que ela transcorre em situações definidas e em ambientes espaciais e em grupos. Necessário conhecer as interações em grupos infantis e destes nas condições experienciadas de envolvimento com demais trabalhadores, pessoas em ócio, vendedores ambulantes, comerciantes de bares e restaurantes, lojistas, plaqueiros, moradores de rua, entre outros, que criam e também regulam o modo de vida no centro. Permanecem nesse espaço e o corporificam apresentando-se como presença nova nessa cidade. O mesmo a ser considerado aos finais de semana em que o ritmo mais lento poderá fazer emergir outras relações e formas de apropriação do espaço físico transformando-o em lugar de relações entre crianças, tais como a exemplificada aqui, referente ao jogo de bola.

Frehse (2012) ao considerar os transeuntes da Praça da Sé, entre outras reflexões, atenta para a presença de um bem simbólico entre alguns deles: a Carteira Profissional. Em se tratando de homens moradores ou não de rua, desempregados, a presença da CTPS indicava, que, embora desempregados no presente, já haviam pertencido a outro lugar social – como trabalhador – e que a condição atual é provisória. Mas, o que pensar dessas crianças? Como moradoras de ocupações não têm um Registro de permanência, o que implica uma provisoriade de relações com o espaço, com a vida e um não pertencimento ao lugar, o que os coloca como estranhos, não entre eles, mas, diante dos demais, são membros do grupo de luta, não do espaço que pode se fazer pedaço, como na acepção de Magnani (2003). Assim, o

Vale se comporta como local transitório, bem como, a moradia ocupada, e sem o lastro necessário para sentir-se pertencendo a ambos.

## 6.

Culturas, crianças e espaços de criação na cidade em disputa. Os espaços públicos nas grandes cidades inegavelmente são lugares de construções culturais. Sem o homem e suas relações com o outro, certamente as cidades não existiriam, sendo essas compreendidas como o que resulta da criação humana – todos elaboramos culturas. Assim sendo, meninas e meninos, a seu modo encontram-se em seus diferentes processos em que culturas são construídas, segundo suas possibilidades e relações, e em diferentes contextos. E vemos? Essa é uma boa pergunta que vale ser considerada nas práticas sociais e em pesquisas acadêmicas. Aqui, considero as associações estabelecidas por eles com o espaço, local, ao mesmo tempo de estranhos, como é próprio se pensar sobre a rua, estrangeiros – as crianças que não moram definitivamente por lá, podem ser consideradas de passagem – e que permite a criação de uma rede de presenças cuja efemeridade é ainda constante, quando as crianças descem dos edifícios ocupados e ocupam a rua em jogos, brincadeiras e caminhadas, ainda que por tempo curto ou encurtado. O estranho das, e nas ruas, encontra-se, ainda que fisicamente apenas, com o estrangeiro-criança, do que posso inferir, como outros que se encontram e se afastam por diferentes motivos, modificam-se e ao entorno. Inegavelmente, naquela condição de vida, pouco favorável, percebe-se que, a seu modo, vão sendo criadas algumas conexões que podem ensejar pesquisas e descobertas sobre a complexa teia de relações que configuram os modos da infância em ocupações e fora delas.

Nas Ciências Sociais, especialmente Sociologia e Antropologia, muito se discute sobre cultura impedindo-nos de usar uma única definição, trata-se de conceito com muitas conotações e ambiguidades que levam às mais variadas compreensões. Como já mencionado, termos e conceitos resultam de disputas e evidenciam a construção de campos em que lutas e conquistas de diferentes grupos ocorrem ao longo da história e explicitam e ensinam reflexões. A pretensão aqui é apenas fomentar discussões e percepções sobre a infância tendo como ponto de partida as próprias crianças como seres capazes de construir culturas nas relações estabelecidas com os outros de idades iguais ou diferentes como é próprio das dinâmicas culturais, bem como, constituindo algo que não é melhor ou pior que aquelas produzidas pelos adultos e pelas adultas, mas, diferente, ainda que não conhecido como poderia.

No que concerne à infância muito tem se investigado sobre as meninas e meninos afirmando-os como construtores de culturas. A pesquisa Trocinhas do Bom Retiro empreendida nos anos 1940 pelo sociólogo Florestan Fernandes envolvendo

crianças de bairros operários da cidade de São Paulo gerou alterações nos modos de conceber as relações entre crianças de diferentes idades. Trata-se de pesquisa etnográfica que permite problematizar conceitos e ampliar as concepções sobre infância e práticas culturais entre as crianças. Chega a influenciar estudos mais atuais ao problematizar concepções maturacionistas e outras naturalizadas, quase auto evidentes, que temos sobre a infância. Provocar o estranhamento das práticas sociais entre as crianças é fundamental. Contudo, quando refletimos sobre cultura a tarefa é árdua e isso adensa ao nos dirigirmos às crianças e estas em espaços coletivos e públicos como as grandes cidades e seus diversos espaços e tempos. Há que olhar para si ao mesmo tempo em que se investiga o outro nesses espaços sem concentrar-se somente nos pontos de vista de adultos impedindo de olhar e conhecer as crianças propriamente ditas e os artefatos criados por elas cotidianamente desde bem pequenas e que são componentes e reveladores de construções culturais.

Questão a destacar quando se discute sobre cultura é justamente certa tendência a usar o termo no singular evidenciando a não percepção da pluralidade existente nas composições culturais, mesmo quando observamos o que as crianças criam em seus grupos culturais nas relações com outras crianças e adultos. Com a criança a observar gestos como rir, chorar, portar determinadas vestimentas, jeitos de sentar e se alimentar, seus desenhos independentemente da faixa etária de seus criadores, indicam, entre outras coisas, a posição social, seus gostos já cultivados, elaboração de códigos sociais que vão sendo tecidos nas relações entre meninas e meninos.

Às vezes, essas características podem causar choques entre grupos infantis e adultos o que merece consideração, sobretudo quando queremos refletir sobre as culturas infantis. É fundamental que tenhamos clareza da importância de comportamentos em que predominem as relações horizontais, sem a presença de ações de controle de caráter inibidor de todas as práticas sociais infantis. Questionarmos a perspectiva adultocentrada, tão presente em espaços escolares desde as creches provoca, indubitavelmente, alterações nos modos como vemos e estamos com as crianças cotidianamente. A organização de espaços em que possam desfrutar e construir culturas nas relações com as outras crianças e com os adultos e as adultas é imprescindível. Olhar. Olhar. Olhar e sentir o que se passa transformando-se e ao outro nas relações estabelecidas, ao mesmo tempo em que se respeita o que é feito. Temos aí um fundamento na composição de profissionais que atuam na Educação Infantil e querem que o conceito de culturas infantis, hoje tão vastamente usado, esteja além de mero jargão pedagógico tornando-se passível de materializar-se cotidianamente e ser visto, conhecido e ampliado, fazendo conhecer as próprias crianças a partir delas mesmas em suas tão refinadas formas de inventar mundos.

Afirmo isso por chamar a atenção para olharmos e perscrutarmos o que ocorre no cotidiano, expandindo esse olhar para aquilo que as crianças estão fazendo em espaços públicos, aqui em especial, na cidade e no Vale do Anhangabaú. Elas se constituem como novos atores a compor e manifestar-se nesses locais? Crianças

sempre estiveram presentes compondo cenários urbanos, em maior ou menor quantidade, em diferentes formas de apresentar-se. Contudo, presenciamos atualmente uma atmosfera concernente à formação de grupos constantes em movimentos sociais que afinam-se e implicam novas vias de aproximação e resistências nesses espaços. Percebe-se interlocuções entre os grupos, seja pela solidariedade nas agruras dessa vida dura, seja pela necessidade de luta constante. Ocorrendo de modo tímido, observa-se também a presença de crianças, que, ainda não organizadas em grupo, promovem mudanças no espaço concernentes aos seus tempos e modos de usar e estar na cidade. Testemunham mudanças e contribuem, a seus modos, com elas. Tocante a construção de culturas infantis essas contribuições são inegavelmente importantes. O jogo de bola, descrito brevemente aqui, implica a necessidade de olhar de outra maneira para os espaços públicos, quase sempre adultos, ao mesmo tempo, exige preocupar-se com as condições de vida e moradia da infância. Como já mencionado, neste artigo não se pretende abordar essas outras temáticas, bastante complexas, mas, sim apresentar alguns aspectos concernentes à infância e cidade, sobre os quais pensar.

Percebeu-se que o jogo se formara somente entre meninos. Elemento importante a ser considerado. Afinal, se os meninos desciam das ocupações e formavam grupos para bater uma bolinha, onde estavam as meninas naquele momento? Não tenho elementos para afirmar de modo categórico, o que exige uma permanência de maior envergadura em campo e dentro das moradias, porém, levanta-se como hipótese que as mesmas estavam dentro dos edifícios e, talvez, cumprindo tarefas tidas como femininas. Contudo, vê-se uma contradição: se, como reflete Risério (op.cit), a mulher é responsável pela fixação e permanência de pessoas em determinados locais e casas, e a cidade, portanto, é obra feminina (pg, 61), o que pensar sobre o atual processo de ocupações e criação de moradias em que a efemeridade está presente e é dada pelos tão comentados processos de reintegração de posse? Há especificidades que merecem maior cuidado, contradição, aqui, reside em estar na luta e lidar permanentemente com o efêmero e querer a estabilidade, essa, como exposição de uma característica feminina.

Há nesses edifícios, em tão poucos metros quadrados onde habitam famílias com muitas pessoas, uma clara composição de casa, em que o convívio se dá sob outras formas e lógicas. Como diria Risério (2015) a casa, nada mais é, que um fragmento de cidade, ainda, é o lugar de uma espécie de crença efêmera num bem eterno (p17). Contudo, quando se tem a ocupação como moradia, o eterno é ainda mais efêmero, compondo outras mentalidades acerca do que é ser, ter e estar numa casa e garantir certo conforto doméstico. Com DaMatta (1997) encontramos um ponto importante sobre o qual refletir: a rua, onde as crianças brincam tão logo desçam de seus edifícios, se opõe a casa, contudo, ela se expõe como lugar em que a desordem é do Estado, como afirma o autor, sujamos a rua e limpamos freneticamente a casa, lá na rua, a desordem pode até prevalecer. Porém, as observações de crianças ocupando esse espaço público da rua, pode levar-nos à

percepção de que, ainda que por pequeno espaço de tempo, a rua aparentemente da desordem, ganha um arranjo familiar, talvez mais caseiro, pelas mãos das crianças ocupantes/brincantes. Ela se transforma e, se falar de espaço implica refletir sobre o tempo, pode-se considerar que há um redimensionamento temporal com a presença do jogo de bola com as crianças o qual convive com o frenético ritmo do cotidiano, embora, valha a pena lembrar: o jogo ocorreu num sábado e já no início da tarde, quando o comércio local começava a fechar suas portas. Assim, se deu a prevalência do capital em detrimento de outros possíveis ordenamentos sociais, embora, seja possível depreender que as crianças já tenham bom domínio dessa ordem, afinal, não foram vistas por mim em outros dias da semana em que estive andando pelos mesmos espaços, o que indica conhecimento de que o tempo do uso desse espaço devesse ocorrer no final de semana. E, novamente, convido a ver.

Caminhando com a distinção entre espaços de brincadeiras e o que revelam do masculino e feminino na cidade, entre os meninos, lá fora da ocupação, é identificável a possibilidade de construção e existência de uma gramática corporal, envolvendo gestos, olhares, tempo de relações e um repertório de brincadeiras construídas pelos meninos nesses espaços, qual seja, o corpo mais fluido que joga e relaciona-se mais livremente com lugares. No Vale, em especial, essas relações resultam em espaços vividos e experimentados diferentemente como menino e menina. Esse espaço público, que poderia ser pensado como ambiente desconhecido, sobretudo, pela presença de pessoas que não se conhecem e que o cruzam de modo fugaz, ganha outros ares, ainda que pelos pequenos grupos, nesse caso observado, com crianças, que, ao jogar bola, o tomam numa pausa da presença de estranhos evocando outra, que passa a acontecer entre iguais, mais comuns, diferenciando o cotidiano, agora pelas crianças e promovendo a convivência entre diferentes.

Afirmo, como Gregori (2000), que as crianças moradoras de rua procuram elaborar recursos simbólicos próprios nas relações com outras crianças e demais moradores, o que indubitavelmente, exige o refinamento de nossa compreensão sobre o que é efetivamente elaborado por elas, nas linhas e entrelinhas, falas e entrefalas, nas diversas relações e formas de construção corporal. Nas criações de regras entre os meninos jogadores de bola, via-se claramente, quem poderia ou não participar, contudo, no convívio entre esses meninos e os demais observou-se a presença dos detentores de uma regra ainda maior: policiais cujas presenças inibiam a continuidade do jogo, sem negociação aparente. Sua presença, como já mencionado visava restituir uma ordem suposta e legitimada por muitos.

Procurei, nesse artigo, questionar e refletir justamente sobre a efêmera presença das crianças no Vale do Anhangabaú e quais suas implicações para se pensar o direito à moradia, às brincadeiras e relações entre crianças em distintos espaços, assim como, sobre sua capacidade de construir culturas em situações diversas e adversas. Ainda mais que, a observação de um jogo de bola, ainda que vivido brevemente, trouxe impressões boas para se pensar e continuar observando, um fio a puxar para se conhecer parte do novo. Culturas infantis são construídas nas relações com os

outros, diferentes e nem tanto, e nessa condição como moradores e moradoras de ocupações, temos boa oportunidade para questionar aspectos relativos à vida, desejos e luta que é travada também pelas crianças. Fica o convite para observar e participar.

## Referências

AITKEN, S. Da Anulação à Revolução: o direito das crianças à cidadania/direito à cidade, In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 35, n. 128, p. 629-982, jul./set.2014.

CALDEIRA, T. P. do R. *Cidade entre muros: crime, segregação, cidadania*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2002.

DAMATTA, R. *A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUNKER, C. *Mal estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.

FREHSE, F. A rua no Brasil em questão (etnográfica). In. *Anuário Antropológico*, 2012, Brasília, UnB, 2013, v. 38, n. 02, p. 99-129.

GOFFMAN, I. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.

GREGORI, M F. *Viração: experiências de meninos nas ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HARVEY, D. *As cidades rebeldes*. Rio de Janeiro: Editora Global, 2012.

LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. Trad. de Doralice Barros Pereira. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/6039965/lefevre-henri---a-producao-do-espaco/1>>. Acessado em: 29/12/2016.

MAGNANI, J. G. C.. *Revista Tempo Social*, 2003, São Paulo, USP.

MARICATO, E. *Para entender a crise urbana*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

MULLER, F. *Infância e cidade: Porto Alegre através das lentes das crianças*. Tese de Doutorado. Universidade do Rio Grande do Sul, 2007.

RISÉRIO, A. *Mulher, casa e cidade*. São Paulo: Editora 34, 2015.

ROLNIK, R. *Guerra dos lugares: a colonização das terras e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.

VERAS, P. M. Tempo e Espaço na Metrópole: breves reflexões sobre assincronias urbanas. In: *São Paulo Perspec.* v. 15, n. 1, São Paulo, jan./mar. 2001.

**Recebido em 28/11/2017.**

**Aprovado em 22/12/2017.**